

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano III — Número 32

Agosto de 1965



A Oração do Senhor

«Vós orareis assim:»

«PAI nosso, que estás nos Céus, santificado seja o Teu nome; venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade, assim na Terra como no Céu; o pão nosso de cada dia nos dá hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal; porque Teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amem.»

S. Mateus 6:9-13

Esta manhã minha oração ao Senhor é que me conceda Sua copiosa graça. Jamais desejo começar o dia sem receber prova especial de que o Senhor Jesus é meu Ajudador, e de que possuo a abundante graça que é meu privilégio receber.

Nas minhas devoções matinais tenho considerado como um privilégio rematar a minha petição com a oração que Cristo ensinou aos Seus discípulos. Tantas são as coisas de que, de facto, careço para satisfazer as necessidades de meu próprio caso, que, às vezes, receio pedir mal; quando porém com sinceridade, faço a oração-modelo que Cristo deu aos discípulos, — não posso deixar de sentir que, nessas poucas palavras, todas as minhas necessidades se acham incluídas. Faço essa prece depois de haver feito a minha oração particular. Se, de coração, espírito e alma faço a oração do Senhor, posso então dedicar-me em paz ao meu trabalho, sabendo que não pedi mal...

Os escribas e fariseus muitas vezes faziam suas orações na praça pública e nas ruas das cidades. Cristo chamou-lhes hipócritas. Em todos os tempos os homens têm orado com o desejo de «serem vistos pelos homens.» ... Quando Cristo vê em Seus discípulos, erros que são susceptíveis de os desencaminhar, sempre os instrui no caminho certo. Não faz uma advertência sem dar também uma instrutiva lição, mostrando como remediar o erro. Depois de dizer aos discípulos que em suas preces não usassem «vãs repetições», deu-lhes bondosa e misericordiosamente uma breve oração-modelo, para que soubessem como fazer para não imitar as orações dos fariseus. Ao dar essa oração, sabia ele que estava ajudando a fraqueza humana, estruturando em palavras aquilo que compreende todas as necessidades dos homens. «Não sabemos o que havemos de pedir como convém,» a instrução de Cristo para nós, entretanto, é clara e definida.

Parágrafos do diário de Ellen G. White, dia 2 de Agosto de 1902, reproduzidos no livro de Meditações Matinais para 1965 Para Conhecê-lo, pág. 261.

A Primeira Escola de Oração

por Minnie E. Dauphinee

No princípio de Setembro de 1962, o Pastor C. M. Mellor, da Igreja do Sanatório de Santa Helena, na Califórnia, fez um anúncio invulgar. Deu a saber que, a partir de 3 de Outubro, durante seis semanas consecutivas, as reuniões de quarta-feira à noite, seriam preenchidas com um projecto denominado *Escola de Oração*. Depois de anunciar o propósito desta escola especial, convidou todos os presentes a participar e a entregar, por escrito, todas as perguntas expressando dúvidas que tivessem sobre o tema da oração.

Que o anúncio despertou muito interesse, tornou-se evidente pelo grande número de pessoas que se matriculou e que, fielmente, esteve presente às reuniões, mesmo quando fazia mau tempo. A assistência andou sempre entre trezentas e cinquenta e quatrocentas e cinquenta pessoas.

As perguntas entregues foram sintomáticas do desejo geral dos filhos de Deus, em todas as partes — o desejo de aprender a orar com eficácia real. Muitos confessaram que oravam diariamente e que pediam muitas mercês a Deus mas, contudo, ainda não haviam experimentado respostas directas e definidas às suas petições.

As perguntas entregues foram respondidas cada semana, pelo sistema de mesa redonda ou dividindo-se a congregação em grupos. Os professores não confiaram na sua própria sabedoria e foram procurar as respostas às instruções que Aquele que ensinou os Seus discípulos a orar, deu através dos tempos. Mais tarde, muitas das referências usadas para responder às perguntas foram juntas num pequeno livrinho devocional, que tomou o nome de *Communion With God* (Comunhão com Deus). Tendo as respostas saído de fontes tão autorizadas como a Bíblia e os escritos do Espírito de Profecia, não é de estranhar que, certa leitora, depois de as estudar e nelas meditar, tivesse exclamado: «Verdadeiramente isto é a sabedo-

ria de Deus». As palavras do sábio afloraram à sua mente: «Porque melhor é a sabedoria do que os rubins; e de tudo o que se deseja nada se pode comparar com ela».

O valor da Escola de Oração ou de qualquer outro esforço espiritual pode ser avaliado pela resposta que se obtenha à pergunta: *Foi duradoura a sua influência?*

Já dois anos se passaram desde que a primeira Escola de Oração foi realizada mas, ao se mencionar o facto, logo se ouvem comentários de apreciação e todos afirmam ter as mais gratas memórias do acontecimento. Alguém, escrevendo há pouco, dizia: «Um dos benefícios mais importantes que eu recebi da Escola de Oração, foi o fortalecimento da minha experiência particular de oração. Agora sei qual a bênção que me espera, quando me ajoelho, independentemente da pressa com que estou. Também sei agora o que é orar, quando não me sinto inclinado a fazê-lo». Outro benefício que se ouve mencionar é o de os membros agora sentirem que são homens e mulheres de oração e que o Espírito Santo pode operar através de uma igreja que ora.

Muitos continuam a usar o livrinho de compilações das passagens usadas na Escola de Oração, como guia espiritual. A experiência seguinte é típica de muitas outras: «Eu não posso expressar quão grande tem sido o benefício espiritual que tenho tirado do estudo do livro *Comunhão com Deus*. Não só o tenho estudado como também o tenho marcado e a ele recorro diariamente para dele obter um pensamento precioso que sirva de base à minha meditação do dia».

Outra evidência da continuidade da influência da Escola de Oração é o facto de que muitos dos grupos de oração formados nessa altura ainda continuam a reunir regularmente. Um membro de um desses grupos disse recentemente:

Continua na pág. 15

Como conduzir a Escola de Oração

por Charles M. Mellor

Ao planejar-se a Escola de Oração, deve-se decidir em primeiro lugar, o número de reuniões de que ela se deve compôr. A nossa experiência demonstrou que são necessárias, pelo menos, seis reuniões de hora e meia cada, a fim de se poder apresentar os vários aspectos da oração.

Deve-se, desde o início, ter em mente que a Escola de Oração não é uma séria de pregações, mas sim um processo de ensino em que se deve dar oportunidade para a participação de todos os alunos. A apresentação dos tópicos principais leva cerca de trinta e cinco minutos e devem-se reservar quarenta e cinco minutos para troca de pontos de vista, para uma sessão de perguntas ou para qualquer outro tipo de participação activa por parte da assistência. Atribuem-se dez minutos para o cântico de um hino, oração, anúncios e, quando necessário, colecta destinada a cobrir as despesas.

O corpo docente da escola, idealmente, deveria ser constituído por três a cinco membros. Nas igrejas maiores será fácil arranjar este número de professores. O Pastor da igreja será, por dever de officio, o director. Ele poderá convidar, se assim o entender, outros pastores (no activo ou na reforma), instrutoras bíblicas, professores das nossas escolas, médicos ou quaisquer leigos aptos. É importante fazer-se uma escolha acertada.

Após a selecção do corpo docente, é imperativo que ele se reúna e implore a Deus o derramamento do Seu Espírito Santo e a Sua direcção para o projecto em mãos. Devem fazer-se planos cuidados, atribuir-se os tópicos e distribuir o material. Também é aconselhável fazer-se uma campanha de promoção e anúncios de sorte a atrair todos os membros e simpatizantes da igreja.

Pela nossa experiência podemos afirmar que uma das maiores bênçãos deste projecto, para os membros do corpo

docente, é a reunião que se realiza semanalmente para, durante uma hora ou duas, planejar cuidadosamente a reunião pública seguinte e orar ao Senhor. Descobrimos que, ao partilharmos ideias e material, aprofundamos o nosso próprio discernimento espiritual. Esta reunião dos professores cria um espírito de união e um estado de preparação que são muito úteis para o bom êxito do projecto.

A Escola de Oração deve funcionar, idealmente, uma vez por semana. Pode-se usar o tempo da reunião de quarta-feira à noite, ou escolher uma hora durante o sábado de tarde. Realizar uma reunião por semana dá oportunidade aos participantes para crescer, nos intervalos das reuniões, na sua vida de oração. Este crescimento processa-se quando se põe em prática diariamente, a ciência da oração.

A Escola de Oração também pode ter êxito quando realizada numa semana de reuniões consecutivas. Em Mountain View, na Califórnia, a escola começou num sábado à tarde e continuou durante a semana, até quinta-feira à noite. Também já se experimentou o plano de realizá-la por altura das reuniões campais (congressos), com bons resultados. É emocionante verificar como as pessoas respondem a este projecto, demonstrando que o desejo de aprender a orar é geral.

Muitas pessoas nos têm pedido um esboço dos assuntos a tratar nas diferentes reuniões. Vamos dar, resumidamente, esse esboço:

1.ª Reunião — Apresenta-se o assunto A «Necessidade de um Reavivamento Espiritual». O orador salientará a necessidade ingente da presença do Espírito Santo na Igreja e as promessas da chuva serôdia. Nesta reunião dar-se-á também a definição de oração. Há uma avalanche de material na Bíblia e nos escritos do Espírito de Profecia mostrando-nos o que o Espírito Santo fará por todos aqueles que se tornam canais abertos da Sua graça. A única maneira

de receber é pedir, de sorte que a oração é um elo de ligação importantíssimo no processo de se receber poder do alto. Mas como é possível a Igreja ter este poder quando a maioria dos membros não têm uma ligação viva e vital com Deus? Os últimos três quartos de hora da reunião devem ser usados no debate do tema: «Que desejo obter da Escola de Oração». Os membros do corpo docente debaterão o assunto em primeiro lugar e, depois, darão oportunidade aos alunos para intervirem. A reunião termina com uma curta sessão de oração.

2.ª Reunião — O tema é «A Preparação e a Disciplina necessárias à Oração»! Nas considerações a fazer devem-se mencionar algumas das barreiras da oração, tais como arranjar lugar e encontrar tempo para a oração, a necessidade de se enriquecer previamente a alma com a leitura da Bíblia e do Espírito de Profecia, a importância de exame de consciência diário, etc. Os últimos quarenta e cinco minutos são utilizados em debates por grupos. Divide-se a congregação em vários grupos e, cada um desses grupos, debate um tópico importante sobre a oração que lhe é atribuído. Os últimos quinze minutos são para a congregação reunida ouvir as conclusões a que cada grupo chegou.

3.ª Reunião — O assunto é intitulado «Tipos de Oração». Muitas orações são constituídas por pedidos de bençãos e favores materiais. Contudo a oração tem um horizonte mais vasto. Ela deve começar com Deus — deve ser uma oração de reverência e adoração. Há ainda a mencionar os diferentes tipos de oração, como a oração de graças, de confissão, de intercessão, de petição e de dedicação. A segunda parte da reunião deve ser destinada a responderem-se perguntas sobre a oração. As respostas serão dadas pelos membros do corpo docente. As perguntas são feitas pelos alunos e colocadas na «Caixa de Perguntas». Os professores devem receber as perguntas que lhes são atribuídas, antecipadamente, de forma a meditar e a estudar a melhor maneira de responder. O director não deve permitir que

qualquer resposta leve mais de cinco minutos, para a reunião não se tornar monótona.

4.ª Reunião — O tema é «Condições para a Oração Eficaz». Esta reunião é muito importante porque apresenta as condições necessárias para que uma oração seja respondida. Algumas dessas condições são-nos apresentadas no livro *Degraus da Vida Cristã*. Também há muito material sobre as petições de curas no livro *A Ciência do Bom Viver* e encontram-se muitas citações na compilação intitulada *Comunhão com Deus*, lições 22 a 27. A última parte da reunião destina-se a debates como na segunda reunião. As conclusões são partilhadas nos últimos quinze minutos.

5.ª Reunião — Esta reunião é dedicada à apresentação de um assunto prático: «Culto Público e Familiar». Devem-se dar instruções quanto à duração e forma da oração pública pois será muito útil debater este aspecto da oração com os nossos membros. Há necessidade clara de melhoria neste capítulo. Considerar-se-á seguidamente o culto familiar, focando aspectos práticos (quem deve dirigir, como conduzi-lo, que material usar, etc.). Durante os últimos quarenta e cinco minutos pode mostrar-se o filme *Fé Familiar* (Faith of Our Families), que nos mostra, de uma maneira interessante, vários métodos de conduzir o culto de família. (Este filme pode ser obtido de Pacific Union Supply Company, P. O. Box 146, Glendale 5, Califórnia). Se não houver possibilidades de adquirir o filme, poder-se-á, em seu lugar, realizar-se um debate sobre o mesmo tema. Ficaremos surpreendidos pelas sugestões valiosas que os nossos membros apresentarão.

6.ª Reunião — O último assunto a apresentar tem por título «Poder através dos Grupos de Oração». Por esta altura já todos os participantes receberam grandes bênçãos da Escola de Oração e estão preocupados em manter a experiência para além do termo das reuniões. Isto poderá conseguir-se formando grupos de oração que dêem con-

Continua na pág. 15

ORAÇÕES PÚBLICAS

por Kenneth H. Wood

Como a oração é um aspecto muito importante do culto público, desejamos ventilar dois pontos sobre os quais há perguntas frequentes: (1) Qual a extensão adequada de uma oração em público? (2) Deve a oração pública ser escrita antecipadamente e recitada palavra por palavra?

Respondendo à primeira pergunta, consideremos o conselho de Cristo em Mateus 6:7, e 8: «E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos. Não vos assemelheis pois a eles; porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós Lho pedirdes.» Daqui se depreende que a eficácia da oração não é aumentada pela repetição de pedidos ou por torná-la ordinariamente longa.

Como exemplo de uma oração apropriada, Jesus apresentou um modelo que se tornou conhecido como Oração do Senhor. Esta oração é breve. Pode ser feita em 25 ou 30 segundos sem dificuldade. O Seu conteúdo e não o seu comprimento, fizeram dela uma oração eficaz e cheia de significado para milhões de crentes através dos séculos.

Nos primeiros tempos do movimento adventista, as orações públicas eram, geralmente, muito mais longas do que as que se fazem hoje. A irmã White esforçou-se por corrigir este costume, apresentando testemunhos directos. Uma vez, ela escreveu: «Orar tão longamente como fazem alguns, é totalmente fora de propósito. Essas pessoas prejudicam a garganta e as cordas vocais e, depois falam de esgotamento por causa de trabalho pesado. . . As orações longas fatigam e não estão em harmonia com o evangelho de Cristo. Meia hora, ou mesmo um quarto de hora, é positivamente tempo demais. Alguns minutos são suficientes para apresentar o vosso caso a Deus e dizer-Lhe o que quereis; e, assim, podeis prender a atenção do povo e não fatigá-lo nem diminuir o interesse na devoção e nas orações. Po-

dem ser refrigerados e fortalecidos, em vez de ficarem exaustos. » *Testemunhos*, Vol. 2, pág. 617. Actualmente parece inconcebível fazer-se uma oração que ocupe meia hora do tempo destinado normalmente ao culto, mas alguns dos nossos antepassados espirituais tinham, evidentemente, pontos de vista diferentes.

Escrevendo outra ocasião, declarou a irmã White: «Cristo procurou gravar em Seu discípulos a ideia de que suas orações deviam ser breves, exprimindo justamente o que queriam dizer e não mais. Ele dá a extensão e a substância de suas orações, exprimindo-Lhes os desejos de bênçãos espirituais e sua gratidão pelas mesmas. Quão compreensivo esse modelo de oração (a Oração do Senhor!). Ela abrange as necessidades reais de todos. *Um ou dois minutos é tempo suficientemente longo para qualquer oração comum.*» — *Idem* pág. 581. (*Itálico nosso*).

Vamos agora à segunda pergunta. Antes de dar uma resposta directa que-remos salientar que a responsabilidade de fazer oração em público é séria e importante. Caso a pessoa que foi solicitada para fazer a oração diga pouco ou nada de eficaz, inspirador ou significativo, ela desperdiça o tempo dos seus ouvintes. Se ela orar por um minuto apenas e se houver sessenta pessoas na congregação, ela consome uma hora de tempo precioso. Se orar perante uma congregação de mil pessoas, consome mais de trinta horas. Meramente do ponto de vista do tempo envolvido, uma pessoa solicitada para dirigir a oração em público, deve dar a essa parte do serviço cuidadosa atenção

Além do factor tempo, todavia, ela deve considerar que se espera dela que exprima os desejos e sentimentos básicos de toda a congregação. Ela não somente fala em seu próprio favor mas de um grupo de pessoas de interesses vários. Se bem que não possa mencionar um número muito grande de peti-

ções específicas, deve mencionar aquelas que abrangem o maior número de pessoas.

Outro ponto a ter em mente — ponto que deve inspirar mais moderação e prudência do que geralmente acontece a muitas pessoas — é que aquele que ora está dirigindo a palavra ao Eterno. Está falando ao Rei do Universo; ao próprio Deus, infinito em sabedoria e poder; a Deus, cuja glória transcende o fulgor de um bilhão de sóis incandescentes, e cujas ordens são executadas instantaneamente pela amorável e voluntária hoste de anjos. Que homem ousaria aproximar-se desse Deus sem reflectir no que vai dizer em Sua presença! Se alguém tivesse de apresentar-se perante um monarca terreno afim de exprimir-lhe os sentimentos e solicitações de um grupo, não daria atenta reflexão ao que ia pedir? Consideraria ele apropriado ir apressadamente perante o monarca sem ponderar cuidadosamente a sua mensagem? Julgaria suficiente apresentar umas palavras títubeantes, improvisadas?

Pensamentos como os que acabamos de expressar, têm levado alguns cristãos sinceros a escrever suas orações públicas. Acham que escrever ajuda-os a concatenar os seus pensamentos e exprimir com mais exactidão as suas petições. Acham ainda que, pondo no papel as suas orações, estão certos de dizer alguma coisa que valha a pena, ainda que a timidez os viesse tolher e perturbar no momento de orar em público.

Por muitos anos alguns dos ministros de maior êxito têm escrito os seus sermões. Muitos dos mais poderosos pregadores os têm lido, palavra por palavra, no púlpito. Entre os homens que seguiram esse hábito, acham-se Jonatão Edwards, João Henry Jowett, Henrique Van Dyke e Tomás Chalmers. Inquestionavelmente, algumas das mais poderosas pregações que já ouvimos têm sido apresentadas com um manuscrito diante do orador. Pensamos, todavia, que André W. Blackwood, um dos mais conhecidos e mais bem sucedido dos pregadores, tem razão quando diz que «a menos que esteja nas mãos de um ministro de raros dons para o púlpito,

o emprego de um manuscrito constitui entrave».

Ele salienta que qualquer pessoa que suba ao púlpito com um manuscrito «parece estar erguendo três obstáculos que poucos homens podem saltar com êxito domingo após domingo: (1) 'Tenho aqui uma mensagem tão magistral que a devo apresentar exactamente desta forma.' Para quem não crê no método, isto soa como pretensão à inspiração verbal. (2) 'Escrevi com tal arte que devo chamar atenção para a minha proeza literária.' Talvez assim seja, sob certo ponto de vista, mas quem é capaz de produzir uma obra-prima de literatura todas as semanas? (3) 'Posso ler com tanta expressão que ninguém suspeitará de que estou lendo'. Interessante, se é verdadeira e plausível essa alegação. Mas unicamente um ministro excepcional pode pregar assim sem chamar atenção para si próprio e suas aptidões». *The Preparation of Sermons*, pág. 198.

O que o Dr. Blackwood diz sobre sermões escritos, aplica-se quase igualmente bem às orações escritas. Se bem que possam advir certos benefícios de escrever as orações antecipadamente (cristalizar os pensamentos, exprimi-los em fraseologia correcta, etc), acreditamos que, em geral, é melhor deixar de parte o manuscrito antes de abrir o coração do Senhor em público. Certamente ler uma oração de maneira formal, ou lê-la de maneira tão imperfeita que o povo possa dizer, mesmo de olhos fechados, que ela está sendo lida, isso é imperdoável. O mínimo dano que isso causará é privar os ouvintes da bênção que esperam receber; o máximo, é desgostá-los e aborrecê-los, fortalecendo assim a sua má natureza.

Creemos que o Espírito Santo pode atingir o coração de uma pessoa, em casa, quando escreve um sermão ou uma oração, guiando-a quanto ao que deve dizer. Negar isto seria afirmar que o Espírito Santo Se limita à casa de Deus. Creemos, além disso, que o mesmo Espírito que inspirou o sermão ou a oração em casa, falará por meio do mensageiro quando ele os apresentar em público. Se uma pessoa preferir abandonar o costume mais geralmente

Escolas Sabinas Anexas

Uma circular do Departamento da Escola Sabatina da Conferência Geral, lembra-nos a necessidade de usarmos as Escolas Sabinas Anexas como meio de evangelização.

É, por vezes, difícil trazer à igreja pessoas que comungam noutros ideais, ou que, não comungando em nenhum, sentem certo acanhamento em frequentar um lugar de culto desconhecido. Assim, seguindo o exemplo de Jesus, devemos nós ir procurar as 'ovelhas perdidas' que necessitam de ouvir a mensagem da breve volta de Jesus. Um dos melhores meios à nossa disposição para alcançar este objectivo é, sem dúvida, o plano das Escolas Sabinas filiais.

O primeiro passo é suscitar dirigentes e professores para as filiais que se forem criando. A Irmã Ellen G. White diz-nos:

«Tem-se provado no campo missionário que, qualquer que seja o talento do pregador, se a parte prática for negligenciada, se o povo não for ensinado a trabalhar, a dirigir reuniões, a fazer a sua parte no trabalho missionário e a alcançar com êxito o povo, a nos-

seguido de empenhar-se em serviços espirituais sem manuscrito, precisa desenvolver maior esforço para preparar-se de maneira que aquilo que apresenta pareça natural e vindo do coração. Fazendo assim, tornará possível que um maior número de pessoas receba bênçãos desse aspecto do culto público.

sa obra será um fracasso. Na Escola Sabatina há muito trabalho a realizar no sentido de levar o povo a compreender seu dever e a desempenhar sua parte. Deus chama-os para o Seu trabalho, e os ministros devem guiar-lhes os esforços.»

As Escolas Sabinas Anexas têm demonstrado ser uma bênção, não só para os alunos, mas também para aqueles a quem é dado o privilégio de ensinar. É sempre um motivo de gozo espiritual vermos almas ganhas para o Reino de Deus, por nosso intermédio.

Cada Conselho local da Escola Sabatina, juntamente com o Pastor da igreja, deve planear imediatamente no sentido de se alcançar no Campo de Angola o objectivo que nos foi proposto:

Uma Escola Sabatina Anexa por cada Escola Sabatina organizada!

Por outras palavras, desejaríamos que cada mãe (Escola Sabatina Organizada) tivesse, pelo menos, um filho (Escola Sabatina Anexa). E quantas mães não gostariam de ter uma família numerosa! . . . Nova Lisboa já tem três rebentos! É já hora de despertarmos do sono . . .

Pensámos que os prezados leitores, ao ler este artigo, tenham algumas perguntas a fazer. Vamos procurar, por antecipação, responder às perguntas prováveis e, estamos à vossa disposição para responder a outras que não nos ocorram neste momento:

1—*Que são Escolas Sabinas*

Anexas? São grupos organizados para estudo de lições bíblicas e destinados a pessoas que não podem ou não querem frequentar a Escola Sabatina.

2— *Quando devem ter lugar estas reuniões?* Cremos que elas poderão se realizadas à sexta-feira à noite, ao sábado de tarde ou ao domingo. Entretanto qualquer outro arranjo é aceitável.

3— *Onde fazer as reuniões?* Em qualquer casa particular que nos seja oferecida, seja de um irmão na fé, de um amigo, ou de um aluno.

4— *Quem poderá dirigir essas reuniões?* Qualquer que, com conhecimentos da Bíblia, ouça a voz do Senhor convidando-o ao trabalho.

5— *Como conseguir assistentes?* Através de convites pessoais, Escola Rádio-Postal, contactos de colportores, etc.

6— *Qual o material que os alunos devem ter?* Devemos procurar conseguir que cada aluno tenha uma Bíblia e um Hinário, de princípio. Depois levaremos cada um a obter o seu trimensário.

7— *Quanto tempo deve demorar uma reunião?*— Entre 30 a 60 minutos. Devemos começar com 30 minutos e, à medida que o interesse for aumentando, devemos igualmente aumentar o tempo.

8— *Que fazer com as crianças das famílias que se reúnem?*— Se houver possibilidades de obter duas salas e ter alguém para tomar conta das crianças e contar-lhes histórias bíblicas e ensinar-lhes cânticos apropriados, isso seria o ideal. Para os pais, o estudo da Bíblia; para os filhos, histórias bíblicas.

9— *É sempre aconselhável o uso de trimensário?* Não. Devemos começar as lições com assuntos simples, que não levantem controvérsia. Há trimensários especiais para estas escolas anexas. O Departamento da Escola Sabatina terá muito prazer em fornecer uma lista de assuntos, para um ano, a quem o solicitar.

10— *Qual é o objectivo da Escola Sabatina Anexa?* Ela é um caminho que conduz à igreja e, no dia em que os seus alunos sejam levados a frequentar a Escola Sabatina regular e o culto, ela deve procurar novos alunos no prosseguimento da sua nobre tarefa de encaminhá-los para os pés de Jesus.

O Departamento da Escola Sabatina instituirá um troféu para a igreja de europeus que atingir maior número de escolas sabbatinas anexas, até ao fim de Março de 1966.

Igualmente, haverá um troféu para a catequese que, dentro do mesmo prazo, alcançar o maior número de filiais.

Poderemos fornecer elementos para os programas das crianças e dos adultos das Escolas Sábatinas Anexas, a todos que não desejem seguir o trimensário de início.

J. A. Morgado.

«Ninguém que trabalhe na Escola Sabatina ou na sociedade de temperança deixará de ceifar abundante colheita, não só no fim do mundo mas também na vida presente. No esforço de iluminar e abençoar a outros seus próprios pontos de vista se tornarão mais claros e vastos. Quanto mais nos esforçamos por explicar a outros a verdade com amor pelas almas tanto mais clara se tornará ela para nós.» — Conselhos Sobre a Escola Sabatina, págs. 13 e 14.

Que é a Verdadeira Oração?

É falar a Deus como a um amigo: «Orar é abrir o coração a Deus como a um amigo. Não que seja necessário para informar Deus acerca do que somos; mas para nos habilitar a recebê-lo. A oração não faz Deus baixar até nós; mas eleva-nos até Ele». *Degraus da Vida Cristã*, pág. 83.

É conversar com Deus: «Se tivermos o Senhor sempre diante de nós, e deixarmos o coração transbordar em acções de graças e louvores a Ele, teremos frescor contínuo em nossa vida religiosa. Nossas orações terão a forma de um colóquio com Deus, como se falássemos com um amigo. Ele nos falará pessoalmente de Seus mistérios. Amiudadamente advir-nos-á um senso agradável e alegre da presença de Jesus. O coração arderá muitas vezes em nós, quando Ele Se achar para comungar conosco, como o fazia com Enoque. Quando esta fôr em verdade a experiência do cristão, ver-se-lhe-ão na vida, simplicidade, mansidão, brandura e humildade de coração, que most arão a todos os que com ele mantêm contacto, que esteve com Jesus e d'Ele aprendeu». *Parábolas de Jesus*, págs. 129, 130.

É a chave nas mãos da fé: «As trevas do maligno envolvem aqueles que negligenciam a oração. As subtis tentações do inimigo os incitam ao pecado; e tudo isso por não fazerem uso do privilégio da oração, que Deus lhes concedeu. Por que deveriam os filhos e filhas de Deus ser tão relutantes em orar, quando a oração é a chave nas mãos da fé para abrir o celeiro do céu, onde se acham armazenados os ilimitados recursos da Onnipotência? Sem oração constante e diligente vigilância, estamos

em perigo de cair na indiferença e de nos afastar do recto caminho». *Degraus da Vida Cristã*, pág. 85.

É a alma da religião: — «Não negligencieis a oração particular, pois é a alma da religião. Com sincera e fervorosa oração, rogai pureza de alma. Suplicai tão ardente e fervorosamente como o faríeis por vossa existência mortal, caso ela estivesse em jogo. Permanecei perante Deus até que inexprimíveis anseios sejam em vós gerados quanto à vossa salvação, e seja obtida a doce certeza do perdão dos pecados». — *Testemunhos Selectos*, Vol. I, pag. 56.

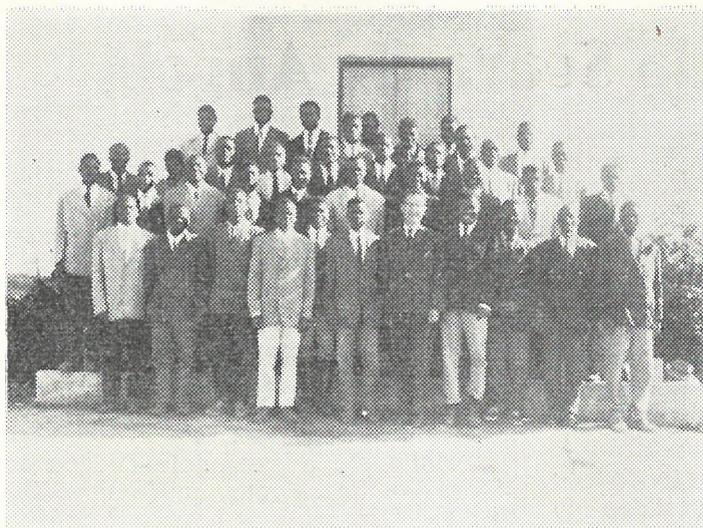
É a respiração da alma: «A oração é a respiração da alma. É o segredo do poder espiritual. Nenhum outro meio de graça a pode substituir, e a saúde da alma ser conservada. A oração põe a alma em immediato contacto com a Fonte da vida, e fortalece os nervos e músculos da vida religiosa. Negligenciai o exercício da oração ou a ela vos dediqueis de quando em quando, com intermitências, segundo vos pareça conveniente, e perdereis vossa firmeza em Deus». *Obreiros Evangélicos*, pág. 254, 255.

ORAÇÃO

Eis aqui, ó Senhor, um recipiente vazio que precisa ser encheido. Enche-o Senhor meu. Sou débil na fé; fortalece-me. Sou frio no amor; aquece-me e torna-me fervoroso para que o meu amor possa chegar ao meu próximo. Não possuo fé forte e firme; às vezes duvido e sou incapaz de confiar inteiramente em Ti. Ajuda-me, ó Senhor Fortalece a minha fé e a minha confiança em Ti.

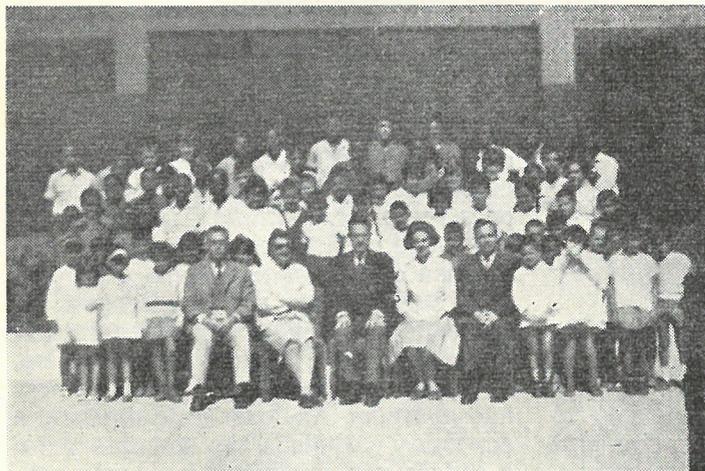
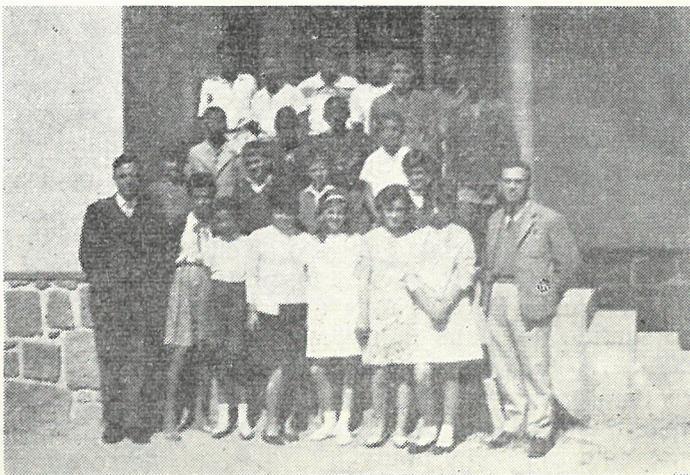
Sou pobre; Tu és rico e vieste para ser misericordioso para com os pobres. Sou peccador; Tu és justo. Em mim há abundância de peccado; em Ti está a plenitude da rectidão. Permanecerei, portanto, contigo, de quem posso receber mas a quem nada posso dar. Amem.

Martinho Lutero



Convenção de Obreiros da Namba — De 24 Abril a 1 de Maio, realizou-se uma convenção de obreiros na Missão da Namba dirigida pelo Presidente da União Angolana dos Adventistas do Sétimo Dia, Pastor Ernesto Ferreira. A gravura mostra-nos os participantes que, unânimemente, declararam ter recebido grande inspiração das reuniões.

Professores e Alunos do Colégio Adventista do Huambo — Enquadrados pelos professores Joaquim de Matos Miranda e Cândido Constantino, vemos os alunos do 1.º ciclo liceal que, durante o ano lectivo de 1965, frequentaram o Colégio Adventista do Huambo, em Nova Lisboa.



Corpo Docente e Discente do Colégio Adventista do Huambo — Os professores e alunos do Colégio Adventista do Huambo, que vemos na gravura ao lado, atestam que a educação cristã é algo de muito valor e que justifica todos os sacrifícios.

Através da Seara de Angola

A chave que os anjos guardaram

«Quando vejo os Teus céus, obra dos Teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste; que é o homem mortal para que Te lembres dele e o filho do homem para que o visites? Contudo, pouco menor o fizeste de que os anjos e de glória e honra o coroaste.» *Salmo 8:3-5.*

Contemplando a imensidão do céu pontilhado de estrelas, a vastidão do oceano irrequieto, os píncaros majestosos das altas montanhas, as asas delicadas das libélulas ou aspirando o perfume suave e magnífico das humildes violetas, quão pequeninos e impotentes nos sentimos!

O Deus Criador, Maravilhoso e onipotente, vela pelas Suas criaturas e todas são dependentes do Seu constante cuidado mantenedor. O homem, de um modo especial, é objecto de cuidado tão meticuloso que, se fosse grato, bem podia dedicar toda a sua vida ao serviço de Deus e, mesmo assim, não seria mais do que um devedor!

Que grande privilégio nos é concedido, quando Deus nos exorta a falarmos com Ele como filhos!

Grande, incalculável honra, advém ao homem de tal facto! Mas, para vergonha nossa, quão pouca confiança nós depositamos nesse Deus maravilhoso, compassivo e onipotente, que sempre ouve e atende as petições sinceras e fervorosas dos que se Lhe dirigem em oração!

O episódio seguinte passou-se há pouco tempo e ilustra o cuidado e o amor de Deus e o poder da oração fervorosa.

Dois grupos de alunos, com a sua bagagem — malas, colchões, cobertores, livros, etc. — esperavam, com os professores responsáveis, a chegada da camionete da Missão do Bongo que, três semanas antes, os fora levar para rea-

lizarem uma Campanha de Evangelização e que agora os iria buscar. O Pastor Pedro Balança de Freitas estivera com um grupo na área da Chilata; o Professor Amilcar Lopes chefiara o outro grupo na área do Gungue e, agora, ambos os grupos, cumprida a tarefa que os tinha levado às aldeias — pregar o Evangelho — ansiavam o momento do regresso.

Finalmente a camionete chegou à aldeia que fica a oito quilómetros do Gungue. Ultimados os preparativos decidiu-se ir apresentar os cumprimentos de despedida ao Sr. Chefe do Posto e iniciar a viagem de regresso ao Bongo na madrugada seguinte. Alguns alunos quiseram-nos acompanhar à povoação do Gungue enquanto os outros ficaram na aldeia a arrumar as suas coisas.

Depois das despedidas, de volta à aldeia, o motor começou a falhar e... não andou mais. De noite já, sem luz, com pouca ferramenta e a chover, não havia outra alternativa senão fechar a camionete e ir a pé para o acampamento, voltando no dia seguinte para reparar a avaria e prosseguir viagem. Fechar a porta da cabine e meter a chave no bolso foi trabalho que não demorou. Uma pequena corrente segurava a chave a uma minúscula caixinha com uma fita métrica metálica.

Dirigimo-nos para o acampamento em marcha acelerada, por entre risos e manifestações de boa disposição. Vencidos os seis ou sete quilómetros que nos separavam do acampamento, chegamos enfim e, depois de explicar o percalço aos outros alunos, separamo-nos para repousar. O irmão Amilcar Lopes retirou-se para o celeiro que lhe servia de casa durante a campanha e eu procurei dormir junto ao fogo. Pensava no plano de acção para o dia seguinte e, súbitamente, ao meter a mão ao bolso, não senti a chave. A caixinha também não aparecia. Ansiosamente procurei-a em todos os bolsos tão somente para, a cada busca, encontrar mais uma con-

irmação do terrível facto: perdera a chave da camionete! A situação apresentou-se-me em toda a sua gravidade: não podia abrir a cabine, não poderia arranjar o carro, não poderia prosseguir viagem. Que fazer?

Nesse momento de aflição, acudiu-me ao espírito o versículo 15 do Salmo 51: — *E invoca-me no dia da angustia: Eu te livrarei e tu me glorificarás.*

O Senhor honraria a Sua Palavra.

Chamei os alunos todos, expus-lhes em breves palavras o ocorrido e depois de lhes ter feito ver a necessidade de confiarmos na promessa divina, ajoelhamo-nos perante o Criador e Rei do Universo e, em fervorosa oração, apresentamos o nosso Problema e pedimos a Sua ajuda. Todos orámos. Depois, confiantes elaboramos o plano de acção para o dia seguinte: erguer cedo, muito cedo mesmo, para pracular a chave e, antes disso, ir um adiante, de bicicleta para procurar avisar as pessoas que encontrasse pelo caminho. Fomos então dormir. Mal amanheceu acordámos o Ir. Amilcar, e contámos-lhes o que acontecera. Partimos momentos depois. O Castro Capica, um dos alunos, pediu uma bicicleta emprestada e meteu-se a caminho.

Depois, fomos nós todos, a pé, pelo mesmo caminho que tínhamos trilhado na noite anterior observando cuidadosamente a estrada. Caminhámos, caminhámos, caminhámos. Talvez uma ponta de desânimo estivesse já a minar a nossa confiança quando um brado de alegria se ouviu. O Castro Capica encontrara a chave. Ele cruzara-se com várias pessoas, e nós também, mas a caixinha com a fita métrica e a chave não foi vista por mais ninguém porque, decerto, os anjos a tinham guardado.

Ao chegarmos junto do carro, em pleno mato, ajoelhamo-nos e agradecemos a Deus.

Estas pequenas experiências pessoais, fortificam a nossa fé e ajudam-nos a compreender melhor o que lemos sobre a oração. Nada pode substituir a experiêndia pessoal!

Orlando de Albuquerque

«Faz a tua parte, prega a palavra e o Senhor fará o resto»

Em 1953 acabei o curso no Instituto do Bongo. No ano seguinte casei-me. Antes disso assisti a um Instituto de mestres, no Bongo. Logo após essas reuniões, o Conselho decidiu que eu fosse trabalhar na área do Seles. Confesso que tive medo. Em primeiro lugar, tive medo porque o Seles era longe da minha terra; em segundo lugar por que havia ainda dentro de mim algo que ficara dos dias infantis em que ouvia contar histórias de canibalismo entre a gente do Seles.

Casei-me a dez de Março de 1954 e, logo depois, segui para Nova Lisboa, onde apanhei o carro para a Namba. Minha esposa ia toda chorosa, dizendo que nos íamos perder. Eu não chorava, por vergonha, mas sentia como ela.

Ao chegarmos à Namba fomos recebidos pelo Pastor Carlos Sequesseque que nos procurou animar, mas sem grande êxito. Algum tempo depois, seguimos de carro para o Seles. Ao chegarmos, observamos o ambiente e verificámos ser muito diferente do da nossa terra. Fomos a uma padaria para comprar pão e ali encontramos algumas mulheres a conversar. Aquilo parecia-nos passari-nhos a cantar, pois não compreendíamos nada.

Depois de me apresentar na Administração do Concelho, seguimos para o Aliuaio, a uns 6 ou 7 quilómetros da Vila. Chegámos à aldeia e não encontramos ninguém. Depois do carro estar descarregado, o Sr. Director disse-me algumas palavras que jamais esquecerei: «Alexandre, faz a tua parte, prega a Palavra e o Senhor fará o resto.» Após isto, o Sr. Director regressou à Missão.

Ali ficamos nós sózinhos. Minha mulher começou a chorar e eu senti um peso no meu coração. Tentei consolá-la e, logo que ela se calou, apareceu um velho que nos levou para a sua lavoura. Ao pôr-do-sol voltamos para a aldeia e já lá encontramos o soba Quesongo que nos recebeu muito bem. No dia seguinte começamos a fazer trabalho missionário. Eu comecei dum lado

da aldeia e a minha mulher do outro. Embora não pudéssemos falar o dialecto local, falávamos em *Umbundu* e éramos compreendidos. Começamos a ter algumas pessoas a assistir às reuniões da noite.

Depois o interesse esmoreceu e nós desanimámos. Pedimos a Deus que nos ajudasse. Apareceu então o mestre Cardoso que falou às pessoas da aldeia. Mesmo assim o trabalho ia com muitas dificuldades.

Aos Sábados de tarde, seguíamos os habitantes da aldeia até às suas lavras e cantávamos hinos e abriamos-lhes a Palavra de Deus. Finalmente organizamos uma Escola Sabatina com 8 membros.

Passaram-se os tempos e, por altura do Congresso, consegui apresentar uma alma ao baptismo. No ano seguinte levei outra. Talvez pareça pouco fruto mas a obra custa muito de princípio. Quando me sentia inclinado a desanimar, lembrava-me das palavras da Irmã White, no livro *Evangelismo*: «Quando conseguires salvar uma alma para Cristo, fizeste um lindo e nobre trabalho.»

Hoje, ao ouvir novas do Seles, sinto-me muito feliz. Oiço falar de pessoas que eu conheci e a quem prêguei a Palavra sem êxito aparente e que, agora aceitaram a Jesus como Salvador. Afinal o meu trabalho não foi em vão.

Espero que Deus abençoe o trabalho no Seles e fortifique os obreiros que ali se encontram. Que eles continuem a trabalhar fielmente até ouvir dos lábios do Mestre as palavras: «Bem está, servo bom e fiel.»

Prezado leitor, quando tiveres uma experiência semelhante à minha não desanimes. Deposita tudo nas mãos do Senhor. «Faz a tua parte, prega a Palavra e o Senhor fará o resto».

Alexandre José Guli

As experiências de dois jovens

Em 1956 eu era um jovem despreocupado que nunca ouvira falar da Palavra de Deus. Eu vivia numa pequena aldeia

a dois quilómetros da *embala* do soba Txipato, perto de Vila Teixeira de Sousa.

Em 1957 a Missão da Luz teve a feliz inspiração de enviar o ancião Celestino Ernesto Mendes para Txipato, a fim de prêgar as boas novas de salvação. Foi aí que eu ouvi pela primeira vez falar do amor de Deus e da grande salvação que Jesus Cristo nos proporciona.

A aldeia de Txipato transformou-se como por encanto. Hoje existe ali uma bela catequese e a aldeia tem um aspecto de limpeza e progresso. As casas caiadas de branco, os quintais impecavelmente limpos e alguns pequenos jardins atestam a eficácia do Evangelho. Entretanto essa transformação externa é símbolo de uma outra transformação muito mais importante que operou nos corações dos seus habitantes!

Em 1958 resolvi ir frequentar a escola da Missão da Luz. Depois de passar ali algum tempo, senti o desejo de trabalhar para Deus. Hoje, na companhia de muitos jovens da minha terra, encontro-me no Instituto Adventista do Bongo preparando-me para ser um obreiro de valor.

Deus tem operado maravilhas a a favor do povo de Angola. O trabalho de Deus há-de prosseguir vitorioso e nenhuma força satânica o poderá impedir. Diz o Senhor: «Operando eu, quem impedirá»? Isaías 45:13.

Peço a Deus que a minha experiência se repita nas vidas de muitos jovens que ainda jazem nas trevas do paganismo e da superstição.

Léon Barbosa Mucanda

Em 1950 eu vivia numa aldeia chamada Samatui, perdido na ignorância e no erro. A minha profissão era caçar ratos! Não é preciso dizer mais nada pois os prezados leitores adivinham o resto...

Nesse ano o meu irmão mais velho veio buscar-me para viver com ele nu-

Continua na página seguinte

ma aldeia pagã, perto do Léua. Era a mão de Deus guiando tudo para o meu bem!

Certo dia apareceu na aldeia o mestre Gabriel Maurício que nos desvendou as maravilhas da Palavra de Deus. A princípio resisti, não querendo aceitar a revelação de Deus. Entretanto o Espírito Santo foi limando as asperezas do meu coração e, em 1958, entreguei-me a Jesus.

Logo após a minha conversão fui para a Missão da Luz estudar. Ali abriam-se-me novos horizontes e assim resolvi vir para o Instituto do Bongo preparar-me para ser útil aos que ainda se encontram perdidos na minha terra.

Moisés Samuel Chipululo

A Primeira Escola de Oração

Continuação da pág. 3

«Uma grande bênção me aguarda cada manhã de Segunda-feira ao me reunir com o meu grupo de oração, de cinco membros. Sempre que nos juntamos para estudar e orar juntos, sinto a presença de Deus».

Não temos dúvidas que a ideia de iniciar esta primeira Escola de Oração foi inspirada por Deus. Haverá algum outro método pelo qual os diversos aspectos da oração se pudessem tornar mais claros, mais impressionantes ou mais interessantes? Que melhor método haverá para os jovens e os adultos compreenderem que a maior necessidade do homem é conhecer a Deus e que esse conhecimento se adquire comungando com Ele? «A vida da alma é Deus». *Fundamentos da Educação Cristã*, pág. 441. «A oração é a respiração da alma». *Obreiros Evangélicos*, pág. 254.

Desde que se realizou a Escola de Oração na igreja do Sanatório de Santa Helena, muitos, e nesse número me incluo, têm experimentado uma comunhão com Cristo, até então desconhecida.

A ideia de iniciar as escolas de Oração foi, certamente, inspirada por Deus. Muitos tem encontrado a razão de ser da sua fé nestes encontros com o seu Criador. Não deve haver meio melhor para aprofundar a piedade e zelo da igreja do que este. Por que não experimentá-lo nas igrejas de Angola? Aqui fica a sugestão com votos de que, em breve, este Boletim possa publicar notícias animadoras sobre este assunto.

A Redacção.

Como conduzir a Escola de Oração

Continuação da pág. 4

tinuidade ao esforço inicial. As técnicas e as vantagens da oração em grupos são-nos apresentadas nos *Testemunhos*, Vol. 7, págs. 21 e 22: «Porque razão os crentes não sentem um interesse maior e mais fervoroso por aqueles que se encontram longe de Cristo? Porque razão não se reúnem dois ou três e imploram a Deus a salvação de alguém em especial e, depois, de mais alguém? ... A formação de pequenos grupos como base de esforço cristão foi-me apresentada por Aquele que não pode errar». Estes grupos reúnem-se com o propósito de estudar, partilhar e orar. Os últimos quarenta e cinco minutos são utilizados em responder a perguntas sobre a oração pelos membros do corpo docente. Na última reunião distribui-se um questionário e pede-se a cada aluno que escreva sobre 'O que a Escola de Oração fez por mim e o que me impressionou mais'.

No decurso do último acampamento da juventude, alguém expressou o desejo de ver realizado um acampamento para casais adultos. A ideia não é de desprezar, sobretudo se se puder incluir no programa, entre outras coisas, a Escola de Oração. Aqui fica a sugestão para ser apreciada por quem de direito.

A Redacção.

Notícias do Campo

Curso de Educação Doméstica no Caúri

No dia 22 de Junho chegaram à Central do Caúri as esposas dos obreiros dos Campos Missionários do Bongo e Nova Lisboa, que vinham tomar parte na segunda fase do Curso de Educação Doméstica. Como os prezados leitores se devem lembrar, a primeira fase teve lugar há um ano na Central do Gungue.

A professora, Irmã D. Isabel Rodrigues, chegou no dia seguinte. Foi recebida com grande alegria e entusiasmo. Após um cântico de boas-vindas, a Irmã Elisa Bela-Vista, em nome de todas as alunas, exprimiu o sentir geral e os desejos de que Deus abençoasse a estadia de todas naquele lugar.

Os trabalhos começavam com uma aula de Português, a cargo do professor Jesé Estêvão, do Caúri. Depois seguiam-se as aulas de Corte, Costura e Bordados, até à hora do almoço. De tarde havia aulas de Higiene e Culinária. O programa foi intensivo e, muitas vezes, foi preciso trabalhar pela noite dentro à luz do candieiro «Petromax».

A professora do curso, D. Isabel Rodrigues, foi incansável no ensino e na resolução dos problemas que as alunas lhe apresentavam. Devido ao tempo, algumas alunas adoeceram mas foram logo tratadas e não houve nada de grave.

Finalmente, chegou-se ao fim desta segunda fase do curso. A professora e as alunas prepararam uma das salas da escola com uma bela exposição dos seus trabalhos e, ansiosamente aguardaram a chegada das visitas para a sessão de encerramento. Era dia 24 de Julho. Um mês havia decorrido deste o começo.

As visitas não se fizeram esperar muito tempo. Cerca das nove da manhã apareceram na Central. Eram elas o Pastor Armando Casaca, Presidente da União Portuguesa, o Pastor Joaquim Alegria Morgado, recém-nomeado Director dos Campos Missionários do Bongo e Nova Lisboa, o Ir. José E. Rodrigues, ex-director dos Campos e actual Director do Instituto do Bongo e as meninas Maria Sales, Maria Leonilde Tavares e Amália Branco. Também estavam presentes vários obreiros, esposas das alunas do curso.

A Irmã Clementina Samuel, em nome das alunas, agradeceu o trabalho e o interesse demonstrado através destes cursos intensivos. Disse ela: «Nós estamos admiradas com a feliz inspiração que tiveram os dirigentes da Obra ao organizar este curso, tirando-nos do nada para o visível. Nunca sonhamos que haveríamos de saber o que hoje sabemos. Damos graças a Deus por esta benção e temos

a certeza que os nossos lares tomarão um novo aspecto, no futuro. Pedimos que esta obra continue e não pare».

Falou depois a Irmã Adelina Matias que, dirigindo-se às colegas, disse: «Sejamos gratas a Deus por nos ter enviado alguém que mostra amor e interesse por nós. É surpreendente ver uma senhora europeia viver no nosso meio, abandonando o conforto do seu lar, só para nos ajudar».

A exposição foi percorrida demoradamente e todas as visitas tiveram palavras de louvor e de muito apreço pelo trabalho realizado.

O Ir. José E. Rodrigues proferiu algumas palavras agradecendo a presença de todos e fazendo votos para que o trabalho de educação doméstica nas aldeias tenha continuidade. Falou depois o Pastor Casaca elogiando o trabalho feito e animando as alunas a pôr em prática, nos seus lares, tudo quanto aprenderam. Terminou-se esta cerimónia de encerramento com uma oração pelo Pastor Morgado.

Meditando em tudo isto, compreendi que Deus, é Deus de todos, e não faz acepção de pessoas ou de côr. Havendo interesse e boa-vontade muito se poderá fazer.

Ao pensarmos em tudo isto, talvez sejamos levados a perguntar: Por que não começaram estes cursos há anos atrás? Talvez a resposta esteja em Eclesiastes 3:1: «Tudo tem o seu tempo para todo o propósito debaixo do céu».

Vosso irmão em Cristo,

José Estêvão.

O nosso BOLETIM deve encontrar-se em todos os lares adventistas para que os seus membros conheçam os progressos da Mensagem no Mundo.

Prezado Irmão: se ainda não assina o Boletim Adventista, faça-o, desde já.

Visado pela Censura